

PRÁTICAS TRADUTÓRIAS/INTERPRETATIVAS E IDENTIDADES LGBTTQIA+: DECOLONIALIDADE COMO PONTO DE PARTIDA NO SENTIDO LSB-LPO

Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa¹
Universidade Federal da Bahia
Universidade do Estado da Bahia

Daniel da Silva Carvalho²
Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal de Alagoas

Roberto César Reis da Costa³
Universidade Federal da Bahia

RESUMO: O olhar decolonial encaminha o presente trabalho a fim de atender práticas tradutórias/interpretativas da Língua de Sinais Brasileira para o Português Brasileiro na modalidade oral. Nesse sentido, propomos uma reinterpretação de metodologias tradutórias que considere o processo enunciativo mediado por vozes e imagens de Surdos Gays Efeminados em performance artística Drag Queen. O trabalho insere-se nos estudos de língua, sexualidade e gênero associados à terceira onda da Sociolinguística (IRVINE; GAL, 2000; IRVINE, 2001; ECKERT, 2000) e lança mão de diálogos entre Sociolinguística e Tradução (PERGNIER, 1972) e dos estudos sobre sexualidades e língua (CARVALHO et al., 2016; 2017; 2018; 2019; 2020; MICHAELS, 2015; OLIVEIRA, 2017). Adotamos como objeto de pesquisa a avaliação e análise da presença da variação estilística na prática tradutória/interpretativa, no intuito de entender como essa variação estilística se faz necessária para preservação e manutenção de identidades. Acionando decolonialidade como agenciamento teórico-metodológico, por uma abordagem qualitativa com análise de dados de característica indutiva e interpretativa (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008; CRESWELL, 2010, AKOTIRENE, 2018), nos utilizamos da legenda do vídeo “Me conhecendo melhor”, protagonizado pela artista Surda e Drag Queen, Kitana Dreams, como elemento propulsor para as propostas de traduções que permitam ao tradutor/intérprete imprimir no afã tradutório/interpretativo o valor simbólico das imagens drag suscitados no nível discursivo empregado na enunciação. As técnicas de traduções selecionadas no serviço

¹ Mestra em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7213087258602843>. E-mail: smaia@uneb.br.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Professor Associado III da Universidade Federal de Alagoas. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4161641465792116>. E-mail: danielcarvalho@ufba.br.

³ Doutor e Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professor Assistente da Universidade Federal da Bahia. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1729585565660340>. E-mail: rrcosta@ufba.br.

são nominadas de reelaboração (FURLAN, 2001), tradução livre (SOUZA, 1998) e retradução (MATTOS; FALEIROS, 2014). Por meio delas, atendemos a variação linguística, o significado social da variação, estilo de fala drag e identidade com foco em Surdos LGBTTQIA+ que performam padrões de feminilidade. Partimos do pressuposto de que o Protagonismo Surdo, que evidencia as narrativas de “histórias de feitos, conquistas, lutas, proezas, fatos, ações, batalhas protagonizadas por sujeitos surdos” (BARROS, 2019, p. 22), agencia o contexto de tradução/interpretação da Libras para o Português, o qual neste século requer uma reviravolta de sentido do processo tradutório/interpretativo. Considerando que, na década de 90, havia grande necessidade de oportunizar o acesso linguístico às Pessoas Surdas de todas e quaisquer informações veiculadas em Língua Portuguesa, agora no século XXI, requer o processo inverso, em que são as pessoas ouvintes não fluentes em Libras, que estão a contemplar atos enunciativos das Pessoas Surdas em lugares de protagonismo.

Palavras-chave: Práticas Tradutórias/Interpretativas. Decolonialidade. Identidades LGBTTQIA+.

PARA INÍCIO DE ANÁLISE

Selecionamos três técnicas de traduções. Com elas, por um olhar decolonial, percorremos no serviço LSB – LPO, com vozes e imagens de Surdos Gays Efeminados em performance artística Drag Queen. As técnicas foram: i) reelaboração (FURLAN, 2001); ii) tradução livre (SOUZA, 1998); iii) retradução (MATTOS; FALEIROS, 2014).

Para nós, pensar em tradução é pensar em acessibilidade e, desse modo, pensar essencialmente em decolonialidade. Em tempos de protagonismos Surdos, atos discursivos empregados por camadas comunitárias mais internas dentre o Povo Surdo – como as Pessoas LGBTTQIA+ – podem passar despercebidos e/ou ignorados, por uma tendência colonialista na manutenção da família burguesa (QUIJANO, 2005), que impõe conservadorismo e restrições na categoria social “gênero”.

Por isso, antes de adentrarmos em nosso objeto de estudo, falaremos como observamos a colonialidade e decolonialidade no seio das Comunidades Surdas brasileiras. Posteriormente, a fim de atender a acessibilidade linguística e cultural, essencial para maior circulação de bens sociopolíticos, identitários, simbólicos, ideológicos de comunidades surdas de camadas mais internas dentro do Povo Surdo, nos valeremos da técnica reelaboração que, conforme Furlan (2001), “dá conta da aproximação do texto de partida ao público da língua de chegada”; também da técnica nominada por tradução livre, que segundo Souza (1998), “oportuniza ao tradutor/a densa flexibilidade na interpretação da mensagem, também na manipulação dos seguimentos

e/ou discursos”, por conta da “oposição à tradução literal”; e da técnica retradução, que de acordo com Mattos e Faleiros (2014, p. 36), mesmo que sendo “pouco admitida, é frequentemente utilizada, pois os ‘tradutores, tanto quanto traduziram, sempre retraduziram’.” (SANTOS-REIS DA COSTA, 2022, p. 50).

Oportunizar acesso aos bens linguísticos e culturais das Pessoas Surdas implica em “[r]econhecer a existência dos processos de produção de outros conhecimentos” em que “o facto de que o conhecimento sobre o mundo e sobre as transformações que ocorrem não se esgota no paradigma do conhecimento hegemónico” (MARTÍN; MADROÑAL, 2016, p. 266-267). No caso, não é a norma, imposição ou colonialismo ouvintista, que alçar-se-á sobre todos, há outras formas de conceituarmos línguas, culturas e conhecimentos. Assim, os conhecimentos das Pessoas Surdas, para além de seus pares, servem à toda a sociedade.

AGENCIAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO DECOLONIAL NA ANÁLISE DA CULTURA SURDA

Falar de identidades surdas LGBTQIA+ é inserir-se numa agenda decolonial. Neste sentido, cabe tratar primeiramente de olhares coloniais sobre o não reconhecimento da Cultura Surda ou das Culturas Surdas.

Em diversos engajamentos sociais, observamos ícones brasileiras em defesa da Cultura Surda, como: a Profa. Dra. Karin Lilian Strobel, através do seu livro intitulado “As imagens do outro sobre a cultura surda”; a Profa. Dra. Gladis Perlin, que em sua Tese de Doutorado discutiu cultura visual como marca identitária do Ser Surdo; a Profa. Dra. Ana Regina e Souza Campello, que em diversas publicações trata desse tema, a exemplo do artigo “Juventude e Cultura Surda”; a Profa. Dra. Flaviane Reis, ativista a favor da Cultura Surda, que em 2019 atuou na Coordenação-Geral da Política Pedagógica da Educação Bilíngue da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – SEMESP/MEC; e a Profa. Dra. Patrícia Luíza Ferreira Rezende-Curione, que na sua ‘Apresentação Pública de Pós-Doutorado: Epistemicídio nas Políticas Públicas em Educação de Surdos⁴’ relatou seu percurso ativista a favor da Cultura Surda.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYDn045EfuU>. Acesso em: 24 maio 2022.

A necessidade contínua de defender a existência da Cultura Surda dá-se pelo colonialismo ainda instalado na sociedade brasileira, que, em pleno século XXI, há movimentos burgueses para a retomada da Monarquia.⁵ Nessa luta contra o colonialismo, um dos pontos emblemáticos para o Povo Surdo foi suscitado na ocasião dos posicionamentos do Ministério da Educação em 2011. Em entrevista a Feneis, Martinha Claret, então diretora de Políticas Educacionais do MEC, afirmou que a “condição sensorial” não é justificativa para instituir uma cultura e, por isso, as Pessoas Surdas apenas “estão na comunidade, na sociedade e compõem a cultura brasileira. [Com isso, defendia o MEC:] Nós entendemos que não existe cultura surda” (FENEIS, 2010, apud CAMPELLO; REZENDE, 2014, p. 78).

A ideologia acima exposta sobre a não existência da Cultura Surda é algo que está para aquém e além de discursos materializados em diplomas legais. Posicionamentos semelhantes são persistentes contra as Pessoas Surdas, como foi afirmado por Rezende-Curione em sua ‘Apresentação Pública de Pós-Doutorado’, em 23 de maio de 2022. Para nós, isso advém do colonialismo europeu, que utilizou como método de dominação a racialização de indivíduos, como mostramos abaixo:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos com *espanhol* e *português*, e mais tarde *europeu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em conseqüência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos. (QUIJANO, 2005, p. 117-118)

⁵ Plebiscito para a volta da Monarquia em 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=151096>. Acesso em: 26 maio 2022.

A princípio associar Culturas Surdas às questões raciais pode provocar estranhamentos epistemológicos. Porém, quando falamos de norma, imposição, modelo e supremacia, isso nos remete instantaneamente às memórias ouvintistas do Congresso em Milão em 1880 e suas repercussões. A base eurocentrada na determinação do que é normal tem essa mesma raiz colonial – discutida pelo peruano Anibal Quijano. Ainda que, no Brasil, tenhamos Pessoas Surdas, brancas, descendentes diretas de europeus, isso não os torna distante dessa realidade racializada, hierárquica e inferior, estabelecido por um padrão norte-global colonizador, normativo quanto às “visões clássicas e binárias que estabelecem o ouvido normal e o ouvido patológico” (SANTOS-REIS DA COSTA, 2022, p.23).

A Profa. Dra. Nanci Araújo Bento, no capítulo “Decolonialidade e Surdez” apresentado no livro “Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras” (MATOS; SOUZA, 2022), traz uma reflexão que nos ajuda a enxergar a colonialidade na categoria social, nível de escolaridade:

a noção de colonialidade pode ser inserida no contexto dos Estudos Surdos. Por anos as comunidades surdas tiveram seus direitos linguísticos invisibilizados. A colonialidade subalternizou povos e culturas surdas com reflexos na educação básica a partir da inexistência de currículos de Libras como língua primeira e língua portuguesa na modalidade escrita. Incipientes são as discussões sobre a implementação da disciplina Libras na educação básica, concomitantemente com Língua Portuguesa na modalidade escrita, que atendam as demandas linguísticas do povo surdo. (BENTO, 2022, p. 106)

Pelo exposto, estamos a ponderar que problemas nas mais diversas categorias de análises sociolinguísticas, envolvendo as Pessoas Surdas, dão-se por conta exclusivamente das heranças do colonialismo estrutural em nossa sociedade. De acordo com o Prof. Me. (doutorando) Danilo Macedo Lima Batista (2020),

[é] importante lembrarmos, antes do desenvolvimento deste artigo, o que sugerem os termos “decolonial” e “descolonização”. De forma concisa: este refere-se a uma suposta superação do modo colonizador de imposição da vontade, de domínio dos meios e dos fins econômicos; aquele não se convence de que tal dominação fora superada, mas sim velada por mecanismos modernos. As metodologias decoloniais, por sua vez, não negam a ciência, mas perseguem outras formas de entendimento (e atuação) sobre o mundo que não sejam necessariamente ocidentais ou de aspecto impositivo. Em síntese, a “Ciência” não tem que ser somente a “ciência ocidental”, a “história contada pelos portugueses”, a “geografia europeia ou americanizada” (aquela põe a Europa no “centro do mundo”, esta faz questão de se impor como sinônimo de “Norte”: você já encontrou um “norte”, você está “desnorteado”, ir para o “norte” (ou Norte) é ir para o caminho “certo” e assim por diante) etc. (BATISTA, 2020, p. 2)

Assim, imposições e demarcações do que vem ser a cultura certa e única advêm dessa não superação do modo colonizador. A invasão europeia ao Brasil não dizimou apenas nossos povos originários, e não apenas trouxe os escravizados – nossos ancestrais negros –, mas também manteve, de forma velada, heranças coloniais circunscrevendo as Pessoas Surdas a um lugar de subalternidade, cerceando-as de gozar de seus bens maiores: as Línguas de Sinais e a Cultura Surda.

A PERFORMANCE ARTÍSTICA DA DRAG QUEEN SURDA, KITANA DREAMS, E A TRADUÇÃO LSB - LPO

É nesse contexto decolonial, com rupturas identitárias, que teceremos análises para o serviço LSB – LPO. No descentramento das identidades binárias, oriundas do colonialismo, no conceito de família burguesa (QUIJANO, 2005), supostamente tida como a família tradicional brasileira, olhamos para as identidades na pós-modernidade (HALL, 2008), com vozes e imagens de Surdos Gays Efeminados em performance artística Drag Queen (SANTOS-REIS DA COSTA, 2022).

Michaels (2015) e Oliveira (2017) apresentaram estudos com variações distintas entre Gays Surdos não-efeminados e efeminados. Nessas pesquisas, identificaram-se variações não somente em nível paralinguístico, mas variações em níveis linguísticos, sobretudo em nível fonético-fonológico e sintático-semântico, como mostramos abaixo:

o estilo de sinalização dos surdos gays era influenciado pelo comportamento ‘camp’; que 16 dos 21 surdos gays filmados sinalizavam com os cotovelos próximos ao corpo; que a maioria dos surdos exibiu seus dentes mais vezes do que a média de um surdo usuário da BSL; que os olhos e sobrancelhas foram usados mais exageradamente, com maior frequência e animação; que o espaço de sinalização dos surdos gays era maior e que eles usavam seus pulsos de maneira mais flexível do que a maioria dos surdos heterossexuais. (MICHAELS, 2015 apud OLIVEIRA, 2017, p. 42-43)

[p]or ser inexequível, no prazo do programa de mestrado, olhar para todos os parâmetros e articuladores envolvidos na sinalização e por não sabermos se há variação e o que manifesta a variação (se ela existir), as informações cinemáticas tridimensionais seriam mais adequadas para a construção de um corpus para esse fim. Dentre os parâmetros e os articuladores envolvidos na sinalização, decidimos nos concentrar naqueles que parecem oferecer o maior número de informações cinemáticas e, por consequência, possibilitar coletas de movimentos com maior qualidade: o parâmetro movimento e os articuladores braço e antebraço. Também contribuíram para a escolha desses dois articuladores as considerações de Barbosa, Temoteo e Rizzo (2015), que descrevem as especificações de localização fonética desses articuladores, bem como a relevância deles para a definição da posição ocupada pela mão na sinalização. (OLIVEIRA, 2017, p. 23-24)

Verificamos que, nos estudos de Michaels (2015) e Oliveira (2017), a feminilidade foi considerada um aspecto distintivo nas sinalizações, presente em todos os níveis de análises linguísticas. Nesse artigo, daremos atenção apenas ao nível discursivo, a fim de mostrarmos nosso olhar, quando pensamos em propostas de traduções/interpretações LSB-LPO.

Tomamos de empréstimos as análises feitas pela Mestra Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa, apresentada em sua Dissertação de Mestrado: ‘Estratégias linguísticas identitárias da sexualidade de surdos LGBTTQIA+ no processo de tradução LSB-LPO: como traduzir uma identidade que não é minha?’. Essa autora analisou um vídeo da Drag Queen Surda, Kitana Dreams, conforme Figura 1:

Figura 1: Kitana Dreams



Fonte: kitanadreamns.com (2022)⁶

Em sua Dissertação, apresentou-se uma análise do vídeo: ‘Me conhecendo Melhor’. Foi observado o valor das “imagens, tudo o que compõe o acervo do /.../ imaginário sobre a Drag Queen, como: comportamento, gestos, vestimentas, maquiagens e variação linguística em direção à comunidade de prática LGBTTQIA+”, e, também, a

⁶ Disponível em: <https://www.kitanadreamns.com/p/sobre-mim.html>. Acesso em: 26 maio 2022.

legenda original apresentada no vídeo da Drag Queen (SANTOS-REIS DA COSTA, 2022, p. 120).

Kitana Dreams é uma criação do maquiador Leonardo Braconnot.

Figura 2. Leonardo Braconnot e Kitana Dreams



Fonte: kitanadreams.com (2022)

Leonardo, também se apresenta como uma “pessoa muito extrovertida, brincalhona, divertida e bem palhaça” (KITANA DREAMS, blog *on-line*). Essa relação criador/performance drag nos mostra “formas de se reconhecer /.../ diante das concepções de gênero e sexualidade, conforme vemos em Louro (2000)” (SANTOS-REIS DA COSTA, 2022, p. 120-121).

Para esse artigo, trouxemos fragmentos de Santos-Reis da Costa (2022, p. 151-157), expostos no ‘Quadro 13: Propostas de tradução LSB-LPO baseadas na noção de gênero’.

Quadro 1. Fragmentos do ‘Quadro 13: Propostas de tradução LSB-LPO baseadas na noção de gênero’

LEGENDA ORIGINAL	REELABORAÇÃO: inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero	TRADUÇÃO LIVRE: inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá	RETRADUÇÃO: inserção de ajustes gramaticais em LP
<p>/.../ Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY* Bom, deixa eu me apresentar... Meu nome é Kitana, meu sinal é esse. Sou Drag queen. Sou Drag queen há... Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos. CARACA* Eu tô... PASSADA* OMG* WOW* Jesus! Era pra mim ter comemorado! E nem fiz nada! FAZ MAL!* NOSSA!* WOW* /.../</p>	<p>/.../ Eu lembrei que não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY. Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, meu sinal é esse. Sou uma Drag queen. Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Peraí, deixa eu fazer as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos. CARACA Eu tô... PASSADA OMG WOW Jesus! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW /.../</p>	<p>/.../ Eu fiz aloka e não tinha falado muito de mim aqui no canal. Eu tinha gravado me apresentando, mas foi pouco tempo. O vídeo foi bem simplesinho, tipo... PARAGUAY Bom, deixa eu me apresentar tá?! Meu nome é Kitana, esse é meu sinal glamuroso. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen. Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas. Ah, não lembro. Comecei a me montar no ano 1998, então esse ano 2018... 2018 menos 1998. Dá 20 anos. Morri Eu tô... PASSADA OMG WOW Mell dells! Era pra mim ter comemorado?! E nem fiz nada! FAZ MAL! NOSSA! WOW /.../</p>	<p>/.../ Não é que eu fiz aloka? Porque ainda não tinha falado muito de mim aqui no canal. Acredita?! Eu tinha apenas me apresentando, mas foi pouco tempo... um vídeo tão simplesinho, me lembra até o Paraguay... Mas vamos lá, deixa eu me apresentar, tá?! Meu nome é Kitana, e esse é meu glamuroso sinal. Essa mona toda trabalhada é uma Drag queen. Deixa-me pensar... Sou Drag queen há quantos anos mesmo? Uh, Lady Gaga, deixa eu aquendar as contas aqui. Ah, não lembro. Sei que comecei a me montar no ano de 1998... então esse ano 2018 fazem... 2018 menos 1998, dá 20 anos. Morri! Eu tô PAS-SA-DA... O-M-G WOW Mell dells! Não era para eu ter comemorado essa data?! E nem fiz nada! Tô nude! NOSSA! WOW /.../</p>

Fonte: Santos-Reis da Costa (2022)

As três técnicas de traduções mencionadas no Quadro 1 foram: i) reelaboração (FURLAN, 2001); ii) tradução livre (SOUZA, 1998); iii) retradução (MATTOS; FALEIROS, 2014). Na primeira coluna, foram apresentados fragmentos da legenda original extraída do vídeo ‘Me conhecendo melhor’.

Na segunda coluna, foi sugerida, para a técnica de reelaboração, a inserção de perguntas no final da frase e marcação de um único gênero, pois, de acordo com Dom Kulick (1999), a inserção de perguntas no final da frase é um fenômeno genericamente atribuído à fala feminina; já a marcação de um único gênero deu-se porque, na legenda original do vídeo, ora apresentava-se o texto no feminino ora no masculino. A decisão tradutória de unificar o gênero baseou-se na imagem/discurso da Kitana Dreams.

Na terceira coluna, foi sugerida, para a técnica de tradução livre, a inserção de vocabulários e/ou expressões do Pajubá. Essas escolhas foram feitas, a fim de identificar a metalinguagem de comunidades de prática, no estilo de fala de pessoas LGBTTQIA+. Santos-Reis da Costa (2022, p. 112) traz a seguinte explicação sobre esse estilo de fala:

De acordo com Silva (1992), o livro intitulado “Diálogo de Bonecas” é o primeiro dicionário do dialeto das Travestis do Brasil, conforme vemos abaixo. O Diálogo de Bonecas foi o primeiro Dicionário de Bajubá das Travestis idealizado, impresso e lançado no Brasil no ano de 1992, no mesmo ano em que nasceu a ASTRAL, Associação de Travestis e Liberados. Sendo essa a primeira associação exclusivamente de Travestis do Brasil e do mundo. (SILVA, 1992, não paginado). A princípio, conforme Shravya (2020), o Pajubá foi usado como modo de sobrevivência e resistência pelas travestis brasileiras. No entanto, agora no século XXI, parece-me que o Pajubá ganhou maior amplitude, se tornou mais popularizado, difundido e usados por outros sujeitos implicados diretamente na sigla LGBTTQIA+ e pessoas que mantêm vínculos afetivos com esses.

Na quarta coluna, foi sugerida para a técnica de retradução, a inserção de ajustes gramaticais em LP. Como pareceu para a autora que o texto oscilava nas estruturas gramaticais da LBS e da LP, ela optou por fazer adequação textual para a LP, no entendimento de que o público de chegada são pessoas ouvintes, fluentes em LPO.

PAUSA PARA UMA XÍCARA DE CHÁ...

Já que não podemos finalizar um tema incipiente, não temos a intenção de propor considerações finais!

Temos proposto, de modo sucinto, algumas reflexões que julgamos importantes para o momento. Primeiramente, fez-se necessário percorrer didaticamente uma trajetória

decolonial para elucidarmos a problemática que envolve resistências em relação às lutas travadas por Pessoas Surdas. Em segundo lugar, foi imprescindível defender que, independentemente de questões de origens raciais, todos os Surdos brasileiros sofrem as consequências do colonialismo, quando se trata das “visões clássicas e binárias que estabelecem o ouvido normal e o ouvido patológico” (Santos-Reis da Costa, 2022, p. 23). Por fim, questões de gênero precisam ser deslocadas da ala de temas sensíveis, por ser uma categoria inegável em nossa sociedade diversa. E, no âmbito da comunidade surda, demonstramos a necessidade e urgência dessas discussões a partir de Leonardo Braconnot, Pessoa Surda, que inscreve em identidades de gênero LGBTTTQIA+.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. C. **Aspectos da Trajetória do Protagonismo Surdo no Instituto Nacional de Educação de Surdos**: Uma narrativa para o público infanto-juvenil. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- BENTO, N. A. Decolonialidade e Surdez. In: MATOS, D. C. V. S.; SOUSA, C. M. C. L. L. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas. Pontes Editores, 2022.
- CAMPELLO, A. R. S. Juventude e Cultura Surda. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 104-115, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/24888/17854>. Acesso em: 24 maio 2022.
- CARVALHO, D. S. À beira do pertencimento: filiação e autopercepção em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. In: SILVA, D. C. P.; MELO, I. F.; CASTRO, L. G. F. (org.). **Dissidências sexuais e de Gênero nos estudos do discurso**. vol. 1. Aracajú: Criação Editora, 2017. p. 31-49.
- CARVALHO, D. S. Autopercepção e empatia em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 12, p. 557-562, 2017.
- CARVALHO, D. S. **Traços-Phi**: contribuições para a compreensão da gramática do português. Salvador: EDUFBA, 2017.
- CARVALHO, D. S.; ALMEIDA, R. G. Autopercepção e identidade linguística em comunidades de prática gays em Salvador, Bahia. **Sociodialeto**, v. 7, p. 82-98, 2017.
- CARVALHO, D. S.; SILVA, I. J. Êla é muito cobiçado: um pronome neutro que não o é. **Colóquio do Museu Pedagógico**, v. 13, p. 1079-1083, 2019.
- CARVALHO, D. S. As genitálias da gramática. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2020.

CARVALHO, D. S. **Sobre gênero e a invenção de um pronome não-binário.**

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/350671835_Sobre_genero_e_a_invencao_de_um_pronome_nao-binario. Acesso em: 6 nov. 2021.

DREAMS, K. **Me conhecendo melhor.** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=TPemHBMGj58>. Acesso em: 16 maio 2021.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. **Language and Gender.** New York: Cambridge University Press, 2003.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente - I. Os Romanos.

Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 11-28, 2001. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5881>. Acesso em: 8 out. 2020.

GIMENO MARTÍN, J. C.; CASTAÑO MADROÑAL, A. Antropologia comprometida, Antropologias de Orientação Pública e descolonialidade. Desafios etnográficos e descolonização das metodologias. **OP SIS**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 262–279, 2016.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/o.v16i2.37084>. Acesso em: 25 maio 2022.

IRVINE, J. T. **“Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation.** Cambridge. Cambridge University Press, 2001.

KULICK, D. Transgender and language: A Review of the literature and Suggestions for the Future. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 5, n. 4, p. 605-622, 1999.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, T.; FALEIROS, Á. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Revista Letras Raras**, v. 3, n. 2, p. 35-57, 2014. ISSN: 2317-2347.

Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>.

Acesso em: 3 fev. 2022.

MICHAELS, P. A. **A Study of the Identity, Culture and Language of a Sample of the Deaf Gay Male Community in Britain.** Durham theses, Durham University, 2015.

Available at Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/11014/>.

OLIVEIRA, R. G. **A Variação Articulatoria em Libras e a Orientação Sexual do Surdo:** Estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística) – Programa de Pós-graduação em Geral do Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, 2017.

PERLIN, G. T. T. **O Ser e o Estar Sendo Surdos:** Alteridade, diferença e identidade. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERGNIER, M. Tradução e Sociolinguística. In: LADMIRAL, J. R. **A tradução e seus problemas.** Trad. Luiza Azuaga. São Paulo [Paris]: Edições 70, 1972.

REIS, F. **A Docência na Educação Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos Surdos.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

REZENDE-CURIONE, P. L. F. **Apresentação Pública de Pós-Doutorado: Epistemicídio nas Políticas Públicas em Educação de Surdos.** Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DYDn045EfuU>. Acesso em: 24 maio 2022.

SANTOS-REIS DA COSTA, S. B. M. **Estratégias linguísticas identitárias da sexualidade de surdos LGBTQIA+ no processo de tradução LSB-LPO: como traduzir uma identidade que não é minha?** Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34883>. Acesso em: 25 maio 2022.

SOUZA, J. P. Teorias da Tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, n. 20, v. 1/2, p. 51-67. 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2115>. Acesso em: 25 maio 2022.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.